

Alana Eleonora Calisto Santana

Jhully Golubiewski

Julia Conserva Pego

Orientador Diego Diniz Medroni

profmedroni@gmail.com

Escola Municipal CEI Issa Nacli, Curitiba – Paraná

Resumo

Conhecimento é liberdade, a apropriação de conhecimento a decodificação da aprendizagem e o entendimento si são fatores fundamentais para o desenvolvimento escolar e de vida de uma criança. Conhecer, estudar e debater o entorno da escola, do local de moradia é o início para reconhecer o papel no mundo. A identificação de pequenos mundos dentro do próprio mundo é parte da aula de Práticas em Educação Ambiental. Objetivando a busca pela liberdade de pensamento e aprendizado, buscasse através do estudo da erosão do solo da escola encontrar respostas para problemas ambientais. Mas principalmente debater o assunto é tomar para si o espaço, o território. Ao conhecer a escola tentasse ampliar a capacidade cognitiva de entender o mundo que nos cerca, de fazer parte dele como agente ativo e não mais observador.

Palavras-chave:

liberdade, erosão, educação ambiental e percepção de si.

INTRODUÇÃO

Você não sente nem vê, mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer.

Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes¹

Sabe-se que não se poder viver de passado, contudo, não se pode esquecer do que tempo que passou, nem de como ele passou, negligenciar o espaço vivido pode fazer esquecer de quem somos, do que aprendemos e vivemos. Não se é possível esquecer do caminho, muito menos negar as cicatrizes deixadas. E não se trata de pensar no caminho dos homens e mulheres, das crianças ou educandos. Falemos de terra, falemos de solo, falemos de geomorfologia.

A construção do que se vive hoje foi feita ao longo da régua do tempo. Pensando dessa forma, rejuvenescer não é tornar-se mais jovem, ou formar novo solo, ou nova terra, mas diz respeito a reconhecer o espaço vivido e revivenciar formas de se preservar para outros, para os próximos. A temática desse projeto é a percepção que as crianças apresentam da escola que eles no momento. Isso, através de um microfiltro, de um corte de um todo, de uma pequena parte da escola escondida da maioria dos olhos. Uma das erosões encontradas na escola, atrás da quadra, parte coberta por grama. Não está tão escondida, todos percebem suas consequências. Dos estudantes na quadra, do pessoal da limpeza, dos visitantes em dias de chuva. Mas com que olhos isso estava sendo visto? Yi-Fu Tuan, em 1974 em seu livro Topofilia nos disse que nossa capacidade cognitiva nos permite perceber o espaço vivido e presente através da lente de nossas experiências. Ora, se não se provoca novas realidades e novas inquietudes como performatizar novas expectativas e experiências nas crianças?

As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. Esse imaginário tem uma forte base empírica. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de "viver bem". (SANTOS, 2006, p.34).

Milton Santos neste espetacular livro nos traz essa ideia, de perceber nosso espaço, de possibilitarmos condições para a produção científica (e mesmo de vida) dentro da escola. Ao observar a erosão de uma parte do terreno a criança sente-se fazendo parte do todo. Ao buscar soluções e implementa-las e posteriormente explica-las é possível criar apego.

¹ BELCHIOR, Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes. Velha Roupas Coloridas. Alucinação. Phonogram, vinil (2001), 1976.

Em Pedagogia da Autonomia lemos que:

“...os comportamentos dos indivíduos têm sua explicação muito mais na espécie a que pertencem os indivíduos do que neles mesmos. Falta-lhes liberdade de opção. Por isso, não se fala em ética entre os elefantes.”. (1996, p.27).

Como debater e discutir temas tão importantes para o meio ambiente mundial, para o desenvolvimento, para a manutenção da vida em sociedade, ou mesmo da vida, sem liberdade? Paulo Freire nos responde ser impossível. E em assim o sendo, não cabe a escola e suas paredes se limitar, sem desmerecer, a comemorar dia árvore, dia do meio ambiente, plantar flor em canteiro, ou fazer uma composteira. O debate sobre Práticas de Educação Ambiental pode partir de problemas levantados pelas crianças, de seu mundo, e que sejam de fácil replicação na realidade do município ou mesmo do país. Talvez ainda não possamos esmiuçar como as crianças os assassinatos cometidos por Multinacionais e Entidades públicas como a Vale em Minas Gerais e a imensa proteção recebeu do governo. Mas debater o tema erosão, causas x consequências e possíveis soluções (?) é possível e viável. Sendo este o objetivo principal. Como secundários é reverberar o assunto em sala, na escola em casa, e fazer com que “crimes ambientais” tenham esse nome, o verdadeiro, e não mais “acidente ambiental”. Liberdade na educação pode partir de conhecer o micro para entender o macro.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A primeira parte da ideia foi bem simples, caminhamos pela escola por algumas oportunidades, sentamos nos espaços, lemos, debatemos ou apenas observávamos os sons, cheiros e paisagens. A segunda etapa foi realizada no laboratório. Identificamos e estudamos, em dois encontros, os diversos órgãos e entidades públicas que trabalhamos com a temática Meio Ambiente.

A terceira parte foi dentro dos conteúdos da BNCC, trabalhamos formas de relevo comuns. Identificamos em nosso bairro alguns pontos importantes e comparamos com o terreno da escola. A quarta parte foi conhecermos grandes crimes ambientais que ocorreram no Brasil nos últimos anos, bem como catástrofes que provocaram muitos danos. Assistimos a vídeos e debatemos imagens. A quinta etapa foi em sala, debatemos e explicamos os processos erosivos mais comuns. Identificamos problemas e causa nos vídeos que assistimos. A sexta parte, foi fora da escola, visitamos o setor de solos da UFPR. Com os alunos da universidade aprendemos sobre tipos de solos e como eles se comportam com as interferências antrópicas, hídricas e eólicas.

Figura 1: Reconhecimento dos Espaços da Escola.



Figura 2: Busca, no laboratório, por entidades do Meio Ambiente.



Fonte: Os autores (2025)

Figura 3: Vídeos 3D Sobre Meio Ambiente.



Figura 4: Aula de Campo na UFPR



Fonte: Os autores (2025)

As duas últimas etapas foram dentro da escola, encontramos os pontos de erosões, decidimos em quais seria possível trabalhar, pensamos nas técnicas possíveis para frear os fenômenos e amenizar os problemas. Por fim aplicamos as soluções encontradas.

Figura 5: Erosão trabalhada



Figura 6: Barreira construída



Fonte: Os autores (2025)

RESULTADOS ESPERADOS/PARCIAIS

Grande parte do grupo de trabalho aprender a reconhecer erosões e agora aplicam seu conhecimento em debates em casa quando assistem jornal ou vem alguma notícia. É possível notar a mudança na fala quando tratamos de assuntos como queda de barreiras, fechamento de estradas e inundações da cidade. As ideias de barreiras e de plantio sempre partiu das crianças. A construção da barreira contou com a partição de parte da equipe, outra preferiu realizar o plantio de árvores frutíferas. Uma última buscou recompor o solo com terra de outra origem. Ainda não sabemos se estas soluções encontradas são capazes de provar uma mudança “permanente” no processo erosivo, o que é perceptível é a mudança de comportamento das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Se conhecimento é libertário, e se praticar é fixar saberes nossos objetivos foram alcançados. Qual o verdadeiro impacto dessas práticas? Não sabemos dizer ainda. Mas é visível a mudança no comportamento através de pequenas observações e falas. “Ei piá, cuidado com minhas bananas aí, chute a bola pra lá”. “Mãe, tem um pé de Pau-Brasil lá nos fundos da escola, eu coloquei ele lá. Ele deu nome pro Brasil e agora segura a terra na terra”. “Professor, quando a minha terra preta vai virar grama?”. O senso de pertencimento e de posse aflorou, até onde ele é capaz de levar as crianças, não se sabe, mas a sementinha da experimentação está lá. A beleza do entendimento do “meu espaço” frente aos espaços dos outros, a capacidade de confrontar outras verdades e a curiosidade de se questionar e pesquisar estão aflorando.

Necessitamos neste momento seguir fomentando a paixão pela pesquisa, e apresentar novas formas de erosão, novas práticas ambientais e novos impactos causados. O Saber saber deve seguir encontrando o saber fazer.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirían. **A Arte de Pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Cia das Letras, 2022.

MENEZES, Cynara. **Memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Saber,** O que é ser geógrafo, Rio de Janeiro: Record, 2007

MORALES, A.G.M. **Processo de institucionalização da educação Ambiental:** tendências, correntes e concepções. São Paulo: Pesquisa em educação Ambiental USP, 2009.

OLIVEIRA, Livia. **Percepção do meio Ambiente e Geografia:** estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

REIS F, Nestor Goulart. **Evolução Urbana no Brasil.** São Paulo: Ed. Pioneira, 1968.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2015.